

A pesquisa em gêneros jornalísticos: um levantamento sobre teses e dissertações com ênfase no meio digital¹

Clarissa Josgrilberg PEREIRA²
Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Apresentar um panorama sobre as abordagens que as teses e dissertações têm dado aos estudos de gêneros jornalísticos digitais é o principal objetivo deste artigo. Para isso, realizamos pesquisa no banco de dados da Capes e cruzamos os dados por meio do software Excel 2013 para descobrirmos quais as mídias estudadas, quais instituições, entre várias outras questões que estão esmiuçadas ao longo do trabalho. Após traçarmos o cenário geral das pesquisas realizadas, focamos os estudos desenvolvidos no âmbito das mídias digitais. Para, então, identificar o que tem sido discutido nessa esfera que é nova e da qual tem surgido novos formatos estimulados pelos avanços tecnológicos. Pudemos compreender que ainda há poucas iniciativas que buscam relacionar gêneros jornalísticos e mídias digitais. Aliás, o estudo dos gêneros e seus formatos na esfera jornalística, em todas as plataformas, corresponde apenas 1,29% de todas as produções *stricto sensu* defendidas em programas de comunicação de 1987 a 2012.

Palavras-chave: Gêneros jornalísticos; pesquisas; teses; dissertações; mídia digital.

Introdução

O que está sendo estudado na área de gêneros jornalísticos? Quais as relações entre gêneros e mídias digitais que os pesquisadores da área da comunicação estão promovendo? Foi a partir desses questionamentos que decidimos realizar um estudo sobre as pesquisas. Ou seja, buscamos compreender as abordagens que as teses e as dissertações têm dado a esta temática para termos um “estado da arte” mais fidedigno. Para isso realizamos pesquisas no banco de dados da Capes no período de 1987 a 2012. Os filtros definidos e a justificativa do recorte temporal estão explicados no subtítulo “Percurso” dessa introdução.

O tema proposto para discussão é parte de nossa pesquisa inicial de doutoramento. O estudo sobre gêneros vem sendo de nosso interesse já há algum tempo³, contudo a relação com a área digital é nova e, por isso, partimos primeiro do levantamento das produções acadêmicas de mestrado e doutorado que direta ou indiretamente já buscaram

¹ Trabalho apresentado no GP de Gêneros Jornalísticos do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo e professora da Universidade Regional de Blumenau (FURB). E-mail: clarissa_jpereira@hotmail.com

³ A autora discutiu gêneros na dissertação “Entre limites e possibilidades: o estudo dos gêneros jornalísticos nas fronteiras de Mato Grosso Do Sul”, defendida em 2013.

essa relação para que, assim, possamos melhor compreender o cenário. Uma questão a ser ressaltada é que a discussão dos gêneros na esfera digital é algo relativamente novo e que ainda caminha. Marques de Melo, um dos principais pesquisadores da temática, ao relacionar o assunto com a esfera digital deixa claro que a relação entre gêneros e plataformas digitais ainda precisa ser discutida, estudada, analisada.

Diante desse panorama surpreendente, deparamo-nos com um fenômeno singular: a coexistência de todas essas modalidades de expressão jornalística numa plataforma midiática convergente: a internet. Por isso mesmo, alguns estudiosos anteveem uma espécie de “hibridismo”, por meio da fusão de gêneros, enquanto outros, mais pessimistas preditam até mesmo o “fim do jornalismo” (MARQUES DE MELO, 2012, p.25)

Na ciência de um caminho ainda incerto o que de fato sabemos é que a compreensão sobre gêneros carece de um olhar multifacetado que leve em consideração os vários processos que a produção jornalística envolve, sobre isso Francisco de Assis e Marques de Melo (2013, p. 21) afirmam:

[...] a compreensão dos gêneros jornalísticos e de suas extensões só tem sentido se forem inseridos no ambiente que lhe é peculiar, ou seja, os suportes tecnológicos e as engrenagens produtivas que permitem o fluxo das mensagens concebidas, produzidas e difundidas pela corporação jornalística, o que inclui evidentemente os mecanismos de interação com o público-alvo – leitores, radiouvintes, telespectadores, internautas etc.

Dessa forma, deixamos claro que o presente trabalho é apenas um primeiro e pequeno passo do caminho que ainda será percorrido não só para a tese doutoral que será elaborada, mas, e principalmente, para a compreensão dos gêneros e formatos jornalísticos na plataforma digital. Para realizá-lo descrevemos o percurso metodológico feito, no primeiro tópico fizemos uma breve discussão sobre gêneros e jornalismo digital, no segundo item apresentamos o panorama das pesquisas encontradas e no terceiro e último as que relacionaram, de alguma forma, gêneros jornalísticos e jornalismo digital.

Percurso

Buscar compreender o que já foi pesquisado na temática de interesse não é uma novidade nossa. É na verdade uma das indicações para o início de qualquer trabalho científico que será começado, pois “para estabelecer as bases em que vão avançar, alunos precisam conhecer o que já existe, revisando a literatura existente sobre o assunto. Com isto,

evitam despende esforços em problemas cuja solução já tenha sido encontrada” (STUMPF, 2011, p.52).

Para iniciar a pesquisa bibliográfica Ida Stumpf (2011, p.55) recomenda que se faça “[...] a elaboração de um rol de palavras-chaves ou uma lista de termos mais gerais e mais específicos relacionados ao assunto, que possa servir de guia no levantamento de dados em fontes bibliográficas”.

A partir dos conhecimentos obtidos sobre a pesquisa bibliográfica realizamos o seguinte procedimento: recorremos a bancos de dados de produções científicas *stricto sensu* e aí obtivemos a primeira dificuldade: conseguir informações organizadas em bancos atualizados que nos oferecessem filtros confiáveis. A partir de um banco de dados⁴ da Capes fornecido em planilha de Excel com 9.787 produções de 1987 a 2012 começamos a produzir os filtros que nos permitiriam encontrar as pesquisas que nos interessavam.

Todavia o banco de dados da Capes oferta produções apenas de 1987 a 2012, o que sabemos que é para a discussão de jornalismo digital é uma falha, pois muita coisa deve ter sido produzida de 2012 para cá. Para analisarmos esse período pensamos em recorrer à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), contudo o sistema falho de filtros presentes na plataforma não nos possibilitou selecionar os trabalhos de forma criteriosa.

Optamos, então, por realizar este artigo respeitando o período de 1987 a 2012, enquanto buscamos junto à Capes os trabalhos que compreendem 2012-2015 e que, esperamos, utilizaremos em uma próxima comunicação científica.

Para recortarmos o universo de 9.787 produções e chegarmos às pesquisas que realmente nos interessam realizamos o seguinte procedimento na planilha do Excel (97-2003):

1 – buscamos pela palavra gêneros e separamos os resultados encontrados. Em seguida, fizemos o mesmo com a palavra formato e, depois, com a digital, pois esses são os termos chaves de nossa pesquisa.

2 – selecionamos pelo título as pesquisas que se apresentavam fora do tema que nos interessa. Muitas, embora tivessem em seu título a palavra-chave por nós pesquisada incluíam-se, na verdade, em outras temáticas. No caso de gêneros, por exemplo, aparecem

⁴ A pesquisadora Maria Alice Campagnoli Otre gentilmente nos cedeu o banco de dados da Capes, o qual ela conseguiu após sete meses de contato com a Capes para que realizasse a tese doutoral: “A pesquisa acadêmica sobre comunicação popular, alternativa e comunitária no Brasil: análise de dissertações e teses produzidas em Programas de Pós-Graduação entre 1972 – 2012”, defendida neste ano na Universidade Metodista de São Paulo.

muitos estudos que pesquisam questões de gêneros como a representação do feminino na mídia. Esses foram excluídos de nossa seleção.

3 – Após termos, então, definido os trabalhos que de fato estavam próximos a nossa área de interesse fomos agrupando-os por características comuns. Por exemplo, separamos os estudos de gêneros por mídia, por localidade, por ano entre outros aspectos e utilizamos essas informações para compor o tópico primeiro deste artigo, o qual traz o diagnóstico dos estudos encontrados.

4 – Como nosso real interesse é na relação entre gêneros e mídias digitais, separamos os títulos que demonstravam essa relação, lemos o resumo para comprovar se estavam mesmo enquadrados no tema de interesse para, então, analisá-los e compor o conteúdo que estrutura nosso segundo tópico. Ou seja, traz os objetos analisados e os tipos de pesquisas realizadas, entre outras informações.

1. Porque falar em gêneros jornalísticos e em jornalismo digital?

Os gêneros jornalísticos e seus formatos permitem construir a identidade e o perfil da mídia, além disso, por meio deles criamos uma expectativa de leitura. Ou seja, ao decidirmos ler uma coluna da Eliane Brum, optamos por descobrir qual a opinião e a análise que ela tem sobre determinado fato ou fenômeno. Dessa forma, como diz Marques de Melo (2003, p.41) o estudo dessa área é um

[...] ponto de partida seguro para descrever as peculiaridades da mensagem (forma/contéudo/temática) e permitir avanços na análise das relações socioculturais (emissor/receptor) e político-econômicas (instituição jornalística/ Estado/corporações mercantis/movimentos sociais) que permeiam a totalidade do jornalismo.

Os gêneros jornalísticos e seus formatos possuem certa estabilidade e é por isso que os leitores os conhecem, os reconhecem e criam não só uma expectativa de leitura, mas um filtro que o permite selecionar quais os produtos comunicativos que são adequados a cada situação. Segundo Bakhtin (2010, p.266), “em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) [...]”.

O padrão que os gêneros e formatos seguem assegura que haja uma comunicação e que as pessoas se reconhecem em determinadas estruturas textuais, o que possibilita e

facilita a comunicação. Assim sendo, Bakhtin (2010, p.262) afirma que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados”. Todavia, embora haja certa estabilidade nos gêneros e formatos é preciso deixar claro que eles não são estáticos. Afinal, eles são produtos culturais e conforme a sociedade muda, eles também sofrem modificações. É especialmente nesse ponto que o jornalismo digital nos interessa para este estudo.

A inserção de novas tecnologias no jornalismo o modificou quase que completamente, as rotinas produtivas foram alteradas, surgiram opções que permitem criar um só produto jornalístico com as várias linguagens e mídias jornalísticas. A convergência, uma das características do Jornalismo Digital (PÁLACIOS, 1999), impactou completamente a forma de escrever. Aliás, para Luciana Mielniczuk (2003, p.41) produzir para o meio digital “implica na possibilidade da manipulação conjunta de dados digitalizados de diferentes naturezas: texto, som e imagem”.

Machado (2004) no texto “Banco de dados como formato no jornalismo digital” diz que a narrativa jornalística no meio digital é diferente da das outras mídias, pois o meio permite novas estruturas e maneiras. Mas quase são essas diferenças? O que mudou na escrita jornalística com a inserção de novas ferramentas tecnológicas? Esses são alguns dos questionamentos que fazemos em nosso estudo doutoral e para começar a entender essas questões partimos do diagnóstico do que já foi pesquisado sobre isso, é o que relatamos no próximo tópico.

2. Os estudos encontrados

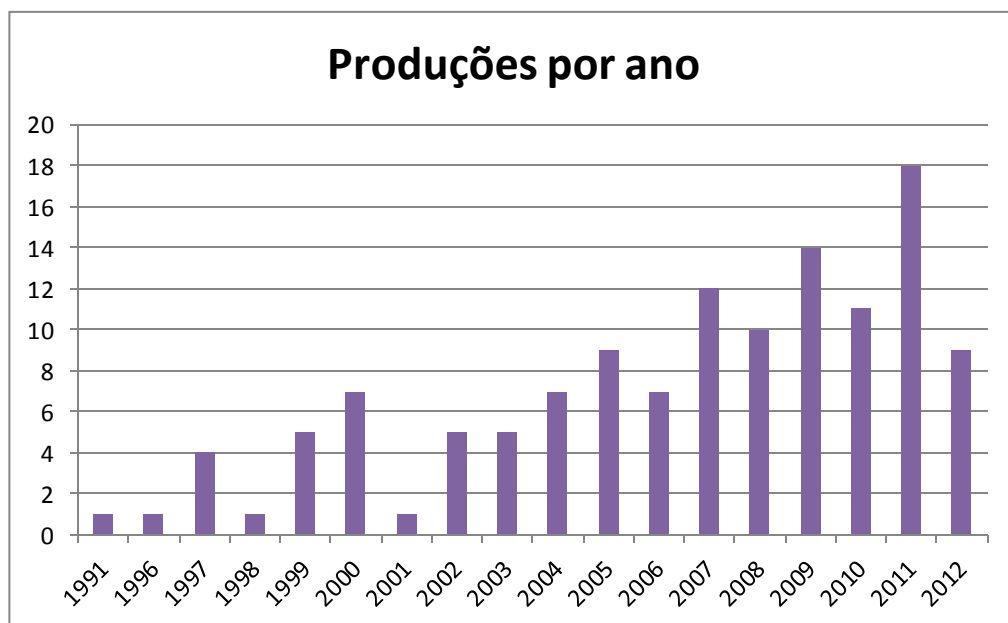
Nossa mostra inicial foi de 394 trabalhos, desses 90 foram encontrados buscando a palavra gêneros, 31 a palavra formato e 272 a digital. Importante esclarecer que digital entrou em nossas palavras-chaves de busca por dois motivos principais: 1 - é a plataforma que nos interessa para estudo doutoral; 2 – notamos que há várias pesquisas que discutem a estrutura narrativa nesta esfera sem mencionar gêneros e formatos como é o caso da pesquisa “Do código ao hipertexto: interações comunicacionais na era digital”.

Na sequência fizemos as leituras dos títulos e excluímos aqueles que não estavam relacionados direta ou indiretamente às questões dos gêneros e formatos textuais. Ao buscar pela palavra gêneros, por exemplo, encontramos 22 trabalhos que estavam discutindo questões de gênero como feminismo e homossexualidade, os quais foram excluídos de

nosso banco de dados. Ficamos então com 68 pesquisas que de alguma forma faziam menção aos gêneros textuais em seu título.

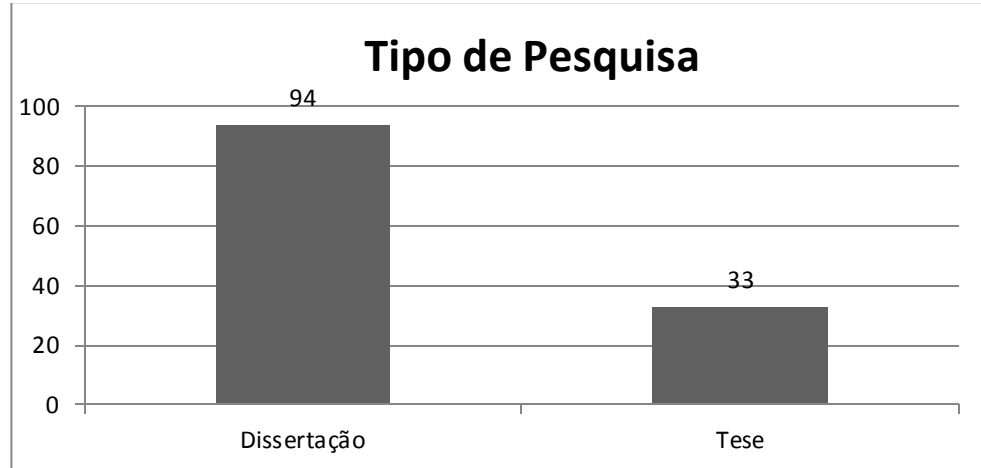
Após isso, buscamos pela palavra formato e encontramos 31 trabalhos, contudo quatro deles também mencionavam gêneros e para não ficarem em duplicidade foram retirados, ficando um total de 27. Foi buscando os trabalhos que continham a palavra digital ou digitais que mais encontramos resultados: 272. Contudo, foi também a seção que mais eliminamos trabalhos, pois há muita discussão sobre digital, mas poucas que o relacione com gêneros e formatos. Algumas abordavam o fotojornalismo, outras a TV Digital ou games digitais ou, ainda, comunicação corporativa digital. Excluindo, então, as pesquisas que não relacionavam o digital às estruturas textuais, narrativas, formatos e/ou gêneros chegamos a um total de 32 trabalhos.

Fazendo a seleção pelo título para encontrarmos as pesquisas que realmente estavam dentro de nosso interesse montamos uma mostra de 127 trabalhos, o que representa 1,29% das pesquisas produzidas em comunicação. Esse percentual nos indica que discutir estrutura textual na comunicação ainda carece de olhares. Dos 127 trabalhos encontrados notamos que a maioria deles foi produzida nos últimos anos, veja o gráfico abaixo:

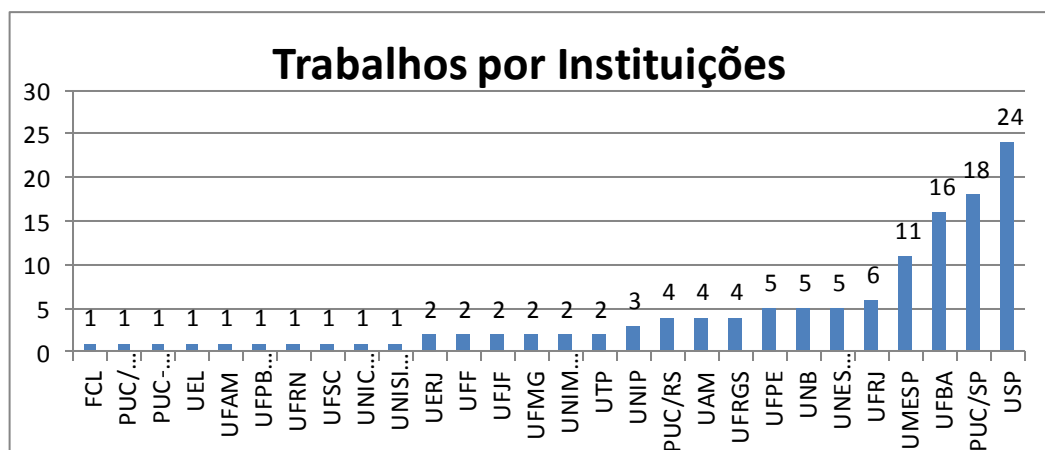


Repare que nos dez primeiros anos houveram 30 pesquisas defendidas, enquanto que nos últimos dez foram 97, ou seja, podemos deduzir que o tema tem despertado interesses e que embora ainda pouco estudado está em uma crescente.

Ao verificarmos o tipo de pesquisa desenvolvido notamos que a grande maioria foi realizada em programas de mestrado, ou seja, 74% (94) dos estudos são dissertações enquanto que 25,9% (33) são teses. O gráfico a seguir demonstra essa proporção.



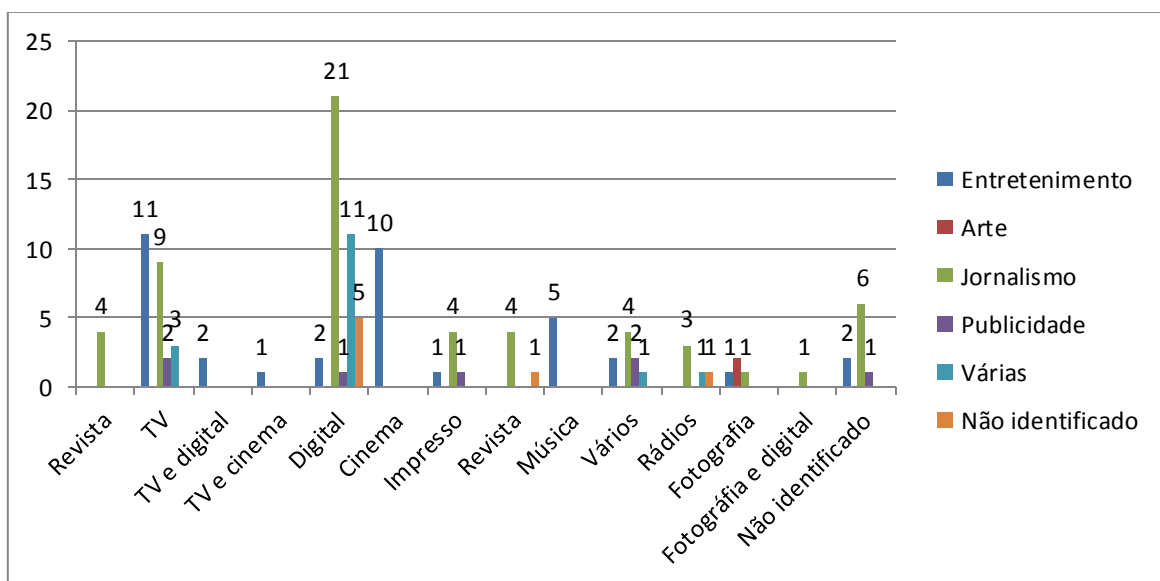
Ao buscarmos identificar onde as pesquisas foram desenvolvidas encontramos 28 instituições diferentes. Todavia, quatro universidades concentram mais pesquisas, são elas: Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), juntas elas somam 69 estudos, ou seja, quase 55% de todas as pesquisas de nosso universo.



Analisando quais as instituições que abrigaram as pesquisas pudemos identificar ainda duas questões: a primeira que excluindo as quatro universidades que concentraram as pesquisas as outras 24 tiveram um equilíbrio de produções que variaram entre 1 e 6 estudos; sendo que 16 instituições produziram entre 1 e 2 trabalhos. A segunda questão é sobre a localidade desses centros de estudos, 15 das 28 instituições estão localizadas no Sudeste.

Esse dado nos mostra que embora haja uma diversidade de instituições, elas não representam uma variedade regional. Sabendo que estudar os gêneros é estudar a identidade da mídia, podemos afirmar que isso não tem sido contemplado nas pesquisas em comunicação.

Apresentamos agora a categoria que mais nos interessa: a identificação de quais mídias os estudos de mestrado e doutorado tiveram como objeto e, ainda, em quais esferas. Ou seja, os gêneros foram discutidos no jornalismo? Na publicidade? Como um dos nossos objetivos é fazer um diagnóstico geral sobre as discussões de gêneros, a seleção em categorias nos ajuda a traçar esse panorama. Vejamos:

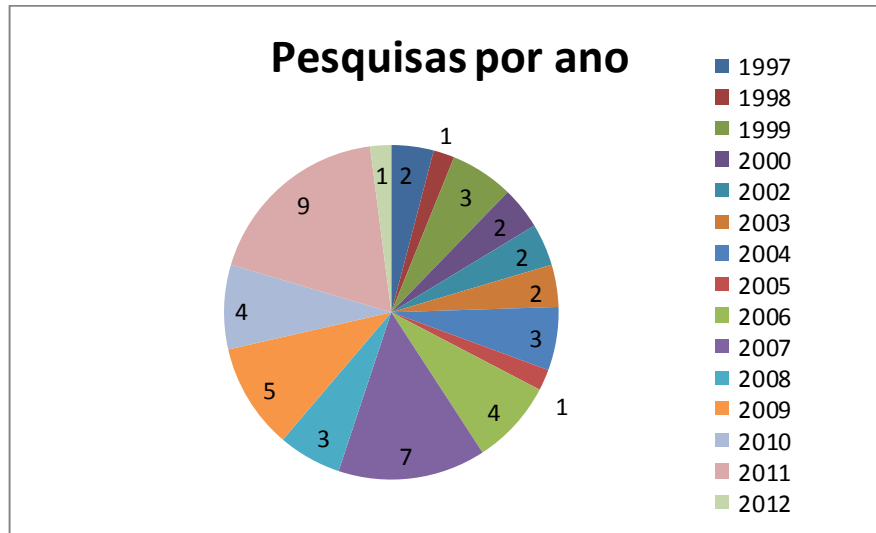


Para entender melhor o gráfico acima é preciso explicar que os sete trabalhos que ficaram na categoria “não identificado” são os que não deixam claro a qual área do conhecimento pertencem. Por exemplo, o trabalho “Geração Digital: Novos Paradigmas de Construção Textual” não deixa claro se a construção textual é do discurso publicitário, jornalístico etc. O mesmo acontece com os nove trabalhos que ficaram em mídias não identificadas, ou seja, o autor fala de gêneros, mas não identifica em qual plataforma é o caso da tese “Dos canapés à política: A reinvenção permanente do colunismo como gênero jornalístico”.

Ao produzirmos um panorama sobre os estudos produzidos na área de gêneros de 1987 a 2012, conseguimos delimitar o universo que mais nos interessa, ou seja, os trabalhos que relacionam gêneros e jornalismo digital, sobre os quais nos debruçamos no próximo tópico.

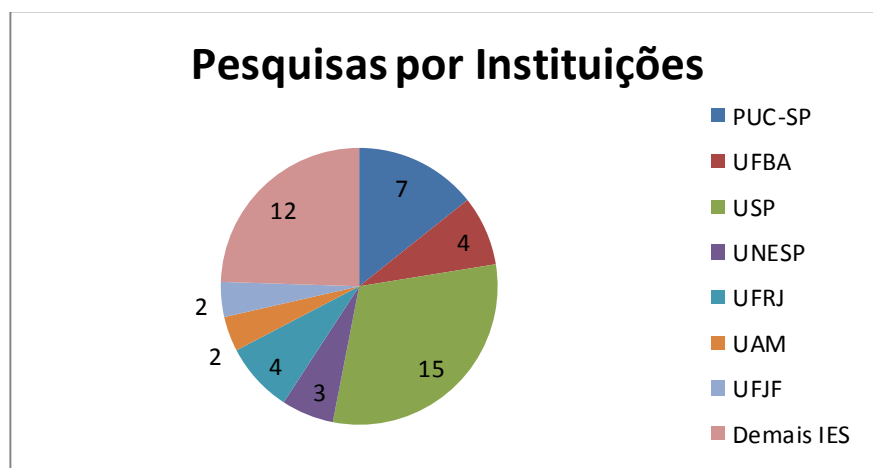
3. Pesquisas que relacionam gêneros jornalísticos e Mídias Digitais

Pelo nosso filtro encontramos então 49 trabalhos que buscam aproximar direta ou indiretamente o universo dos gêneros jornalísticos ao das plataformas digitais. Desses, 15 são de Doutorado e os outros 34 são de Mestrado. A distribuição das pesquisas por ano se dá da seguinte maneira:



Vemos que há certo equilíbrio de publicações por ano, contudo 2011 se destaca com nove produções. Em meio há tantas mudanças tecnológicas que afetaram o jornalismo e, ainda, a busca constante por novos formatos que prendam o público é possível afirmar que a quantidade de produções científicas sobre a temática é pouca frente à quantidade de questionamentos existentes.

Outro dado que nos fala bastante é sobre as instituições que sediaram as pesquisas. Vejamos:



Conforme podemos ver acima as duas Instituições que mais possuem trabalhos na área são PUC-SP e USP. A primeira possui como principal linha de pesquisa a semiótica, o que nos dá indício sobre as abordagens desses sete estudos. Já dos 15 estudos produzidos pela USP, sete foram produzidos entre 1998 e 2003 e, portanto, não estão disponíveis nos bancos de dados digitais. Dos 49 trabalhos que selecionamos por meio de nossos filtros, 13 não estão disponíveis nas bases de dados online de suas bibliotecas. Nosso objetivo é conseguir acesso a todos esses trabalhos, contudo isso não foi possível para este artigo. Focaremos a partir de agora traçar inferências sobre as 38 produções que conseguimos na íntegra.

Ao vermos as instituições, a Umesp que se destacava no primeiro tópico com 11 trabalhos passa a não fazer mais parte do gráfico por não ter estudos que relacione os gêneros com os digitais. Dos 38 trabalhos apenas seis relacionam mais de uma mídia, o que também aciona o sinal de alerta, pois falar em gêneros e em formatos para a mídia digital não é falar apenas em um site ou em um blog, mas sim em vários meios. Como afirma Marques de Melo (2013) “Daí a metáfora do pós-jornalismo, que significa nada mais, nada menos, que o fim do primado do jornalismo impresso para dar lugar a uma outra modalidade de jornalismo multimídia”.

Outro dado que temos é que apenas cinco trabalhos levam em consideração o leitor ou a colaboração em suas produções, se retomarmos a citação de Marques de Melo e de Assis (2013) que usamos no tópico primeiro deste trabalho poderemos afirmar que esta é uma lacuna presente na área de gêneros jornalísticos digitais, pois para compreender os gêneros é preciso levar em consideração todo o processo jornalístico, inclusive o interativo.

Dos trabalhos que levam o leitor em consideração três têm ele como foco: “O ciberleitor do jornal digital (estudo de caso do site de informação "NetEstado"”, “Notas para a compreensão de um novo leitor: o do texto digital”, Experiência de Leitura: entre o digital e o tradicional”.

Com base nos 38 trabalhos que tivemos acesso a todo o conteúdo podemos verificar que apenas um tem a discussão central nos gêneros. O trabalho da pesquisadora Lia Seix, intitulado “Por uma outra classificação. Uma proposição de critérios de definição de gêneros jornalísticos por impressos e digitais”, que trabalha com duas plataformas comunicacionais.

Com exceção da pesquisa acima, nenhuma têm a discussão central em gêneros e jornalismo digital embora a grande maioria dos trabalhos encontrados, 30, discuta texto e

narrativas. Nesses textos as principais buscas por compreensões são: relacionar o texto às características da web como a hipertextualidade; buscar a relação da escrita jornalística com interfaces seja as mídias sociais ou blogs; ou, ainda, tentam compreender formatos específicos como colunas e crônicas.

Breves considerações

Por meio desse percurso inicial que realizamos já podemos levantar alguns apontamentos. O primeiro é o de que há pouca produção científica em comunicação que busca compreender gêneros e formatos jornalísticos nas plataformas digitais. Em meio à busca por novas estruturas textuais que prendam o leitor e pela otimização dos novos recursos tecnológicos da produção jornalística não discutir a temática é uma falha.

Também arriscamos dizer que não estamos no caminho errado ao pensarmos em entender, em nosso estudo doutoral, a classificação de José Marques de Melo à luz das novas plataformas digitais. Isso porque um dos expoentes da área de gêneros jornalísticos, que certamente está relacionado com o destaque da Umesp entre as instituições que mais produziram na área de gêneros jornalísticos, não aparece quando o foco é esfera digital.

Por fim, enfatizamos que a produção deste estudo não é reflexo de uma pesquisa finalizada, mas sim que é o início de um longo caminho a ser percorrido. Ainda nessa proposta inicial de realizar um diagnóstico sobre a produção da área precisamos localizar os estudos defendidos entre 2012 e 2014 e encontrar as versões completas das produções feitas entre 1987 e 2005. Em suma, se este breve cenário servir para estimular novas reflexões que busquem aproximar o universo digital dos gêneros jornalísticos ou a identificar as iniciativas que direta ou indiretamente tentaram tal relação já nos daremos por contentes.

Referências

ASSIS, Francisco de; MARQUES DE MELO, José. **A natureza dos gêneros e dos formatos jornalísticos**. In: SEIXAS, LIA.; PINHEIRO, Najara F. (Orgs.). *Gêneros: um diálogo entre comunicação e linguística*. Florianópolis: Insular, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5.ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

MACHADO, Elias. Banco de dados como formato no jornalismo digital. In: Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã. III Sopcom, VI Lusocom, II Ibérico, UBI (CD-ROM), 2004.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo** – gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3º Ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARQUES DE MELO, José. **Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos**. In: MARQUES DE MELO, José; LAURINDO, Roseméri; ASSIS, Francisco de. (Orgs.). Gêneros Jornalísticos – teoria e práxis. Blumenau: Edifurb, 2012.

MARQUES DE MELO, José. **Metamorfose do jornalismo – da idade média à idade média**. Aula inaugural do curso de Jornalismo da Universidade Regional de Blumenau (SC). Edifurb, 6 março de 2014.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na Web**. Disponível em: <http://materiasdejornalismo.files.wordpress.com/2013/03/aula-02-caracteristicas-e-implicac3a7c3b5es.pdf>

STUMPF, Ida Regina. **Pesquisa bibliográfica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs.). Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2 ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2011.